

AS INTERPRETAÇÕES DA PAISAGEM

Marcos Timóteo Rodrigues de SOUSA

Doutorando em Geografia pela UNESP - IGCE Rio Claro
E-mail: marcossousa@hotmail.com

RESUMO: O presente texto é uma reflexão em torno das particularidades das formas de interpretação e de representação da paisagem. Procuramos dissertar sobre os sentidos humanos e sua interação com o mundo material. A economia, as artes e a cultura influenciam o visível e moldam as formas de interpretação do real. A essência e a aparência da realidade são moldadas pela ideologia do sujeito que interpreta os fatos cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem, Ideologia, Sentidos e Movimento

ABSTRACT: The present text is a reflection around the particularities of the interpretation ways and of the landscape representation. We've tried to lecture about the human senses and his interaction with the material world. The economy, the arts and the culture influence the visible and they mold the forms of interpretation of the real. The essence and the appearance of the reality are molded by the subject's ideology that interprets the daily facts.

KEYWORDS: Landscape, Ideology, Senses and Movement

INTRODUÇÃO

Interpretar a paisagem é um exercício experimentado cotidianamente por todo ser humano, ou seja, cada pessoa que interage com o mundo recebe e oferece informações, portanto, a troca e a interação que ocorre em determinado ambiente e com cada pessoa pode refletir diferentes formas de interpretar a realidade. O presente texto pretende mostrar que as expressões culturais expressadas na paisagem é uma obra coletiva e histórica que cada receptor interpreta de variadas maneiras.

A CONCEPÇÃO DA PAISAGEM

Segundo Christofoletti (1999) o uso do termo paisagem está relacionado com a palavra italiana *paesaggio*, introduzida a propósito de pinturas elaboradas a partir da natureza, durante a Renascença, significando “o que se vê no espaço”; aquilo que o olhar abrange em um único golpe de vista, o campo da visão. A paisagem é, portanto, uma aparência e uma representação; um arranjo de objetos visíveis pelo sujeito por meio de seus próprios filtros, humores e fins. Entretanto, no vocábulo germânico *landschaft* seja o primeiro termo a surgir, existindo já na Idade Média, designando uma região de dimensão média, o território onde se desenvolve a vida de pequenas comunidades humanas. A *paysage* francesa caracteriza-se por um aspecto visual, uma visão de mundo. O vocábulo anglo-saxão prefere a palavra *scenary* em vez de *landscape*, e o holandês acrescenta-lhe um adjetivo *vsueel landschap*. Na terminologia soviética, os termos *mesnost* e *ourotchitche* possuem um valor territorial, os geógrafos julgaram necessário acrescentar o termo *landschaft*, absorvido do alemão, atribuindo uma conotação científica.

A palavra alemã *Landschaft*, “paisagem”, foi cunhada há algum tempo e, hoje, o conceito de paisagem está presente na ciência e na arte (Trol, 1996). Os cinco sentidos permitem perceber volumes, texturas, temperaturas, odores, cores, sons e sabores e a visão é a forma que mais utilizamos para interpretar a paisagem. A interação se dá pelo olhar, mas nem sempre o que vemos ou percebemos corresponde à realidade. A aparência das coisas poderá não ter a mesma essência. A vida material é a formadora da maneira de pensar das pessoas, ou seja, o visível e sua interpretação dependem da história de vida das pessoas. A interpretação pode também estar fortemente marcada pela ideologia, isto é, nem sempre vemos aquilo que vemos, mas vemos o que nos mostram e nos permitem ver.

A DIALÉTICA DA PAISAGEM

A paisagem está imbricada ao processo dialético do pensamento no movimento incessante de entender e desvendar a realidade em sua essência; é a manifes-

tação da dimensão do perceptível da organização social. Poderíamos dizer que a paisagem relaciona-se à aparência do movimento; enquanto o sujeito-intérprete dá a essência ao movimento da totalidade social. (Kosik, 1976). Moreira (s/d) diz que Engels já observara no seu “Dialética da natureza” que, ao lado do movimento mecânico, há o movimento químico, o movimento biológico e o movimento social, todos eles formas do vir-a-ser histórico, sendo o movimento mecânico a forma mais elementar de movimento. O movimento da sociedade pode levar o indivíduo a interpretar a realidade, ou o próprio indivíduo poderá conceber suas formas de interpretação da realidade. Os conflitos psicológicos podem deturpar a interpretação do real, a psicossomática nos remete ao entendimento do corpo e da mente.

O conceito de corpo, ou soma, remete às nossas experiências sensoriais imediatas. Quando observamos nossos aspectos somáticos, temos a impressão de algo concreto. O conceito de mente remete a fenômenos não-observáveis concretamente e difíceis de relatar, como as emoções, os sentimentos e o pensamento (Trombini, 2004).

Os conceitos de corpo e mente não são separados. A distinção entre o conceito de mente e corpo tornou-se universal, mas, sobretudo ocidental. Segundo Trombini (2004) foi Descartes que desenvolveu uma visão bastante elaborada do ser humano, acreditando que pudesse ser estudado como uma máquina, no sentido do funcionamento corpóreo. Os cinco sentidos fazem parte de um todo, corpo e mente que, por sua vez, são influenciados pela dinâmica da vida material da sociedade.

De acordo com Kosik (1976), a nossa vida é social-histórica e tudo está em fase de constituição infinita, ou seja, somos representantes de um momento histórico. O que está posto em nosso cotidiano é um mundo idealizado, muitas vezes, os fatos são explicados por ideologias dominantes que dão interpretação a tudo. A paisagem enquanto expressão transtemporal e objetificação da produção humana comporta, na sua essência, a manifestação de um movimento de reprodução social desigual que contém, num mesmo tempo, múltiplas expressões de um movimento determinado pela sociedade. Uma mesma paisagem pode ter um prisma de interpretações, o que reforça e evidencia a idéia de que a paisagem não é meramente a expressão das coisas, mas o captar do movimento de um pensamento formal da própria “coisa objetiva”. A essência e a aparência não se negam, pois a aparência é uma dimensão da essência, um momento de sua manifestação, enquanto que a essência só pode ser compreendida por meio da dimensão que se manifesta como forma aparente (Ribas e all, 1999).

Konder (1988) diz que a dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente

contraditória e em permanente transformação. De acordo com as propostas da filosofia clássica, a razão norteia a nossa forma de pensar desde a Antigüidade, e ela se pauta em alguns princípios básicos. Segundo os filósofos clássicos da Antigüidade, o princípio da identidade é a condição do pensamento e sem ele não podemos pensar. Ele afirma que uma coisa seja qual for, só pode ser conhecida e pensada se for percebida e conservada a sua identidade. É a condição para que definamos as coisas e possamos conhecê-las a partir de suas definições. Exemplo: o triângulo é uma figura de três lados e de três ângulos. A cada vez que alguém disser “triângulo”, sabemos a qual ser ou coisa se relaciona. O princípio da não-contradição é o princípio no qual a identidade não poderia funcionar, uma coisa ou uma idéia que se negam a si mesmas se autodestroem, desaparecem e deixam de existir. As coisas e as idéias contraditórias são impensáveis e impossíveis. Exemplo: o triângulo é um triângulo e é impossível ser outra coisa. (Chauí, 1986).

INTERPRETAR A REALIDADE

A interpretação de realidade faz parte de um processo de cognição do ser humano. Para Piaget (Oliveira, 2000) o processo cognitivo se dá pela percepção e inteligência. A inteligência não procede da percepção, pois as estruturas perceptivas dão aporte ao conhecimento e as interpretações. A percepção está subordinada à presença do objeto, fornecendo-lhe um conhecimento imediato, a inteligência não depende da presença do objeto, pois, com a ausência da percepção momentânea pode haver uma função simbólica e, por conseguinte uma abstração da realidade. A percepção está no campo sensorial imediato e a inteligência é uma operação que busca a aproximação dos elementos em tempo e espaço diferenciados.

Piaget afirma que em todos os níveis de desenvolvimento as informações fornecidas pela percepção, e também pela imagem mental, servem de material bruto para a ação ou para a operação mental. Por sua vez, estas atividades mentais exercem influência direta ou indireta sobre a percepção, enriquecendo-a e orientando o seu funcionamento à medida que se processa o desenvolvimento mental (Oliveira,2000).

A interpretação da paisagem faz parte de um momento histórico de quem a constrói e a interpreta. Como exemplo citamos o quadro de Salvador Dalí “a criança geopolítica assistindo ao nascimento do novo homem”, de 1943, no qual podemos dar várias interpretações por intermédio da visão (figura 1). A presença de uma criança assistindo o nascimento de um homem adulto serve para abalar o

conceito e reforça o ceticismo do observador, como uma galinha, o novo homem está saindo do globo, que tem uma pele mole diferente de uma casca. O quadro é uma paródia das previsões otimistas da Segunda Guerra Mundial, no qual o novo homem apareceria após a derrocada do nazismo e do fascismo. A paisagem é um momento, um instante, uma manifestação formal e tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, aquela aparente, do imediatamente perceptível, dimensão do real que cabe intuir (Carlos, 2001).

Figura 1- "A criança geopolítica assistindo ao nascimento do novo homem", Salvador Dali



Fonte: <http://www.andreiaeluz.com.br/salvador1.htm>

Huberman (1986) nos mostra, no trecho a seguir, uma análise dos seres invisíveis que constróem a realidade de várias pessoas.

Os diretores dos filmes antigos costumavam fazer coisas estranhas. Uma das mais curiosas era seu hábito de mostrar as pessoas andando de carro, depois descerem atabalhoadas e se afastarem sem pagar ao motorista. Rodavam por toda a cidade, divertiam-se, ou se dirigiam a seus negócios, e isso era tudo. Sem precisar pagar nada. Assemelham-se em muito à maioria dos livros da Idade Média, que, por páginas e páginas, falavam de cavaleiros e damas, engalanados em suas armaduras e felizes...poucos indícios há de que alguém devia produzir todas essas coisas... (Huberman, 1986).

Para Trol (1996), todas as paisagens refletem também as transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados. Mas enquanto as paisagens naturais só variam em ritmo secular ou geológico, a paisagem citadina muda relativamente depressa, inclusive, durante o próprio processo de observação. A produção das coisas, ou seja, da paisagem da cidade é a expressão da "ordem" e do "caos", manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível do imediato. O mundo das formas, das representações do dia-a-dia é onde as coisas aparecem de maneira independente, onde ocorrem as manipulações e onde a mesma pode se revelar (Carlos, 2001).

Landim concebe (2004) a cidade como uma fonte geradora de estímulos perceptivos para quem a habita e, a forma urbana pode ser considerada um produto de forças emergentes associadas às relações de produção e atividades reprodutivas. O desenho urbano pode ser entendido como o resultado de um processo individual ou coletivo, de tomadas de decisão, que pode perfeitamente ser entendido em termos cognitivos. A cidade como objeto de estudo da paisagem nos concebe várias imagens que ao olhar do receptor pode parecer algo dissimulado e antagônico, ou seja, duas imagens diferentes da mesma cidade podem transparecer realidades inversas. (figura 2)

Figura 2: Ambiente urbano



Fonte: ilustração de Wilson de Ângelo, 2007

PAISAGEM E CULTURA

Pela perspectiva de entender a paisagem como um ponto de partida para a interpretação da realidade, a cultura é uma das maneiras do ser humano expor sua interpretação do mundo. Basta o observador compreender e captar as mensagens enviadas pelo artista. Observemos as três frases seguintes de C. Baudelaire (1999), a composição das idéias do autor nos remete a entender que as diferentes maneiras de interpretar e entender a arte depende do receptor/observador.

- A humanidade caminha sempre e irrevogavelmente da experiência para o conhecimento.
- Na música, como na pintura, e até mesmo na palavra escrita, que é a mais positiva das artes, há sempre uma lacuna completada pela imaginação do ouvinte.
- A verdadeira música sugere idéias análogas em cérebros diferentes.

Costa (2003) afirma que “é a cultura que possibilita uma interpretação mais profunda e apurada da experiência visual. Cultura entendida como o conjunto de significados compartilhado por um grupo e não como erudição”.

Este vasto mundo interno contido pelas imagens processadas pela nossa mente, que psicólogos costumam chamar contextos mentais, é aquilo que de mais importante possuímos na nossa relação com os outros e com o mundo a nossa volta. A cada nova experiência trazemos nossas imagens internas e as submetemos a nova avaliação e novos juízos de valor. Por isso podemos mudar de idéia, passar a gostar daquilo de que não gostávamos e aprender o que não sabíamos.

Os relatos de viajantes oferecem fartos exemplos da marca que os padrões ideológico-culturais imprimem na percepção sensorial. Pero de Magalhães Gandavo (1980), por exemplo, assim descreve o abacaxi:

Huma fruta se dá nesta terra do Brasil muito saborosa, e mais prezada de quantas ha. Cria-se numa planta humilde junto do chão, a qual tem humas pencas como cardo, a fruta della nasce como alcachofras e parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, chamão-lhes Ananazes, e depois de maduros têm hum cheiro muito excellente, colhem-nos como são de vez, e com huma faca tirão-lhes aquella casca grossa e fazem-nos em talhadas e desta maneira se comem, excedem no gosto a quantas frutas ha neste Reino, e fazem todos tanto por esta fruta, que mandão plantar roças della, como de cardaes: a este nosso Reino trazem muitos destes ananazes em conserva.

Aqui o abacaxi ou ananás é uma soma das características da pinha e da alcachofra e sua base é a parecida à do cardo. Com pequenas variantes, essas referências reproduzem-se na percepção dos viajantes europeus do séc. XVI. Elas podem relacionadas à necessidade de o cronista comparar o que estava vendo a imagens de referência do europeu. Jean de lery diz sobre a mesma fruta:

Assemelha-se à espadana, tendo as folhas um pouco côncavas, estriadas nos bordos e muito parecidas com a dos aloés. Cresce em touceiras, como grandes cordas, e o fruto, do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sai da planta como as alcachofras, sem pender para os lados. Ao amadurecer torna-se amarelo azulado e rescende tão ativamente a framboesa que de longe o sentíamos nas matas onde cresce; é muito doce o reputo o fruto mais saboroso da América.(Lery, 1980)

No que diz respeito, à observação da paisagem, os padrões ideológico-culturais também estão presentes. Gandavo (1980) dividiu seu "Tratado da Terra do Brasil" em duas partes: uma com nove capítulos em faz uma sucinta descrição de nove capitánias e uma segunda parte em que menciona as coisas (frutas, animais e gentes da terra). Na descrição das capitánias, observa, mormente, tamanho e localização, povoações e os recursos que podem ser utilizados para fins que são da coroa portuguesa. Por exemplo, na descrição da capitania da Bahia de Todos os

Santos (p.29-30), o autor inicia com a localização, passa pela densidade demográfica (a mais povoada), informa a quantidade de engenhos e de plantações de algodão, trata das igrejas e do ensino, depois passa à navegabilidade dos rios, à fartura da caça e da pesca e à fertilidade das várzeas. Em termos de imagem, podemos destacar que o artista brasileiro Benedito Calixto, que estudou em Paris, portanto, teve influencia européia em suas obras, reflete nas telas a paisagem das cidades brasileiras do século XIX. A figura 3 exibe a paisagem da cidade de Santos, ao olhar artístico pode-se destacar a técnica de pintura, porém, esta imagem também pode retratar a forma de ocupação portuguesa na costa brasileira.

Figura 3: “A paisagem de Santos”, Benedito Calixto



Fonte: <http://www.bolsadearte.com>

O olhar de Gandavo, embora percorra a complexa e extensa multiplicidade de formas, fixa-se principalmente nas que são reconhecidamente utilitárias, valorando positivamente as que podem se úteis aos interesses de reconstrução de uma sociedade baseada em padrões europeus. Essa dimensão do olhar utilitarista também se percebe em Lery (1980) que, em várias passagens de sua “Viagem à Terra do Brasil”, faz observações valorativas de aspectos da paisagem.

De ambos os lados desses rochedos, aplainamos e preparamos pequenos espaços onde se construíram não só a sala, onde nos reuníamos para a pré-dica e a refeição, mas ainda vários outros abrigos em que se acomodavam cerca de oitenta pessoas, inclusive a comitiva de villegagnon. Entretanto, a não ser a casa situada no rochedo, construída com madeiramento, e alguns baluartes

para artilharia, revestidos de alvenaria, o resto não passava de casebres de pau tosco e palha construídos à moda dos selvagens, que de fato os fizeram.

Nesse trecho o elemento europeu é valorizado. Mas há também trechos em que os aspectos da paisagem locais são mais valorizados:

(...) a pesar das trovoadas, a que os selvagens chamam tupan, das chuvas torrenciais de das fortes ventanias, não gela nem neva, nem graniza, e as árvores, não sendo deterioradas pelo frio como na Europa, se conservam sempre verdes, e assim nas florestas, tal como em França o loureiro. E já que toco neste assunto, direi que quando, no mesmo dezembro, temos aqui os dias mais curtos e sopra-mos dedos transidos de frio, os americanos vivem os dias mais longos e mais quentes. Por isso nos banhávamos ao Natal para refrescar-nos. Entretanto os dias não são nos trópicos nem tão longos nem tão curtos como no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera. E assim não só os dias são mais iguais debaixo dos trópicos mais ainda as estações incomparavelmente mais temperadas, embora os antigos pensassem o contrário (Lery, 1980).

Cada cultura sente-se intimamente identificada com as imagens que produz. Mas na sociedade contemporânea, isso se torna mais difícil, porque com o desenvolvimento tecnológico e a cultura de massa, com a mobilidade geográfica e social, e a globalização, houve tal proliferação de imagens que nos vemos diante de estranho paradoxo: quanto mais necessitamos entender o sentido delas, menos capazes e seguros nos sentimos diante da tarefa de interpretá-las. Se cada cultura possui suas formas de interpretação da paisagem, os alemães criaram o “ecótopo”, ou seja, divisões mínimas da paisagem. Ao definir paisagens cada vez menores, sempre se chega ao nível em que o espaço se apresenta como um quebra-cabeça cujas peças nunca aparecem de forma independente, sendo que, em grande número, constituem associações individuais mínimas caracterizadas por uma configuração e uma localização determinadas (Trol, 1996).

A PAISAGEM E OS SENTIDOS

As formas conceituais de interpretar e representar a paisagem mostra a dimensão do indivíduo dentro do contexto social, cultural, científico, situando-o dentro da paisagem e auxiliando-o na interpretação e (re)conhecimento do outro.

Por meio dos sentidos, o homem é capaz de relacionar-se com o mundo material e com seus iguais e a partir da observação, percebemos que a paisagem possui uma dimensão espacial que sofre as intervenções humanas e altera-se,

adequando-se às necessidades humanas, sendo, então, concebida e vivenciada por este. Isso ocorre na paisagem urbana, nas artes, na economia. Muitas das “coisas” concebidas a partir de uma idéia inicial, de um plano piloto, de uma maquete ou esboço, nem sempre são vividas conforme pensadas ou simplesmente são transformados ao longo do tempo, a fim de atender as reais necessidades de um grupo, muitas vezes são utilizadas e percebidas de diferentes modos e isto nada mais é que um reflexo das necessidades reais daqueles que utilizam esses espaços.

A paisagem também é temporal e traz consigo elementos de transformação. A mudança da paisagem pode ocorrer num tempo de longa duração ou curta duração, enquanto a paisagem “natural” altera-se de forma lenta a paisagem urbana sofre mudanças freqüentes, a ordem ou o caos resultante dessas alterações vão influenciar o indivíduo que se percebe parte da paisagem. As questões culturais também são importantes na interpretação da paisagem: o homem vale-se de suas referências, assim como os viajantes utilizam suas memórias para construir seus relatos dos lugares onde estiveram.

Esse arcabouço de referências constrói nossa interpretação. As paisagens estão presentes no imaginário humano desde sempre, contudo, fatores como: globalização, rede mundial de informação, mobilidade física e social existentes no mundo contemporâneo, acabam por interferir na percepção e interpretação, por isso a mesma paisagem pode se mostrar diferente aos olhos de cada indivíduo e sociedade.

CONCLUSÃO

A análise da paisagem como forma de interpretar a realidade foi e é uma ferramenta aplicada nos estudos da Geografia desde a antiguidade clássica, passando pela sistematização desta ciência até nossos dias. Interpretar e analisar a realidade não são fatos comuns a todos os cientistas, como também não é consenso aceitar a mesma forma de entender e interagir com a realidade vislumbrada pela paisagem. Portanto, a idéia de conceber a paisagem como um conceito dado e não construído nos remete a refletir que a construção das interpretações da paisagem é algo parcial e infinito.

Na análise determinista, a paisagem geográfica é formada pelo conjunto de formas naturais e culturais associada a uma dada área, e analisada pela ótica dos fatores determinantes naturais que atuam na consciência dos seres humanos em determina região. Na perspectiva possibilista a modificação da paisagem, traduzida em ações humanas, é a sua apropriação para o uso e é de fundamental importância para a sobrevivência ou reprodução. A abordagem sistêmica trata a paisagem como um organismo dinâmico que segue uma ordem dentro de uma vasta interação com outros sistemas. A

concepção marxista sugere que o entendimento do espaço geográfico está contido na paisagem, ou seja, o entendimento da totalidade das ações se faz necessário para se compreender a produção do espaço e a apropriação de um determinado território.

Entendemos que o método de interpretar a realidade é a forma de conceber o entendimento da paisagem dentro da Geografia. O geógrafo deve partir de um plano metodológico para se entender como um agente ou ator da paisagem, entender se a paisagem é um palco ou é a própria realidade vivenciada. As formas de tradição cultural, enraizada no cientista, pode ser um indicador de como ele irá conceber e aceitar determinada conceituação para a Paisagem Geográfica.

BIBLIOGRAFIA

- BAUDELAIRE, C., 1999. *Richard Wagner e Tannhauser em Paris*. São Paulo, Primeira Linha.
- CARLOS, A.F.A., 2001. *A Cidade*. São Paulo, Contexto.
- CHAUÍ, M., 1994. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Hucitec.
- COSTA, C., 2005. *Educação, Imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, (Coleção aprender e ensinar com textos)
- CHRISTOFOLETTI, A., 1999. *Modelagem de sistemas ambientais*. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.1-50p.
- ENGELS, F., 2000. *A dialética da natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed..
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães, 1980. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- GOMBRICH, E. H., 1986. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- HUBERMAN, L., 1986. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- KONDER, L., 1988. *O que é dialética*. São Paulo, Brasiliense.
- KOSIK, K., 1976. *A dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LANDIM, P. C., 2004. *Desenho de Paisagem Urbana: as cidades do interior paulista*. São Paulo, Editora UNESP.
- LÉRY, J., 1980. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

MOREIRA, R., s/d. *O círculo e a espiral*. Rio de Janeiro, Obra Aberta.

OLIVEIRA, L. de., 2000. *Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan*. Rio Claro: Boletim de Geografia Teorética, n.2, v.25, p.5-22.

RIBAS, A et all., 1999. *Marxismo e Geografia: paisagem e espaço geográfico – uma contribuição para o entendimento da sociedade contemporânea*. In Caderno Prudentino de Geografia n.21. Presidente Prudente, AGB-Unesp.

TROL, C., 1996. *A paisagem geográfica e sua investigação*. In Revista Espaço e Cultura, n.2, p. 1-8. Rio de Janeiro, UERJ.

TROMBINI, G., 2004. *Distúrbios Psicossomáticos: como restabelecer o equilíbrio entre corpo e mente*. São Paulo, Loyola.